

LUÍSA CYMBRON

CESEM – FCSH/NOVA

Persistências da Antiguidade na ópera romântica italiana: as leituras de Bellini, Pacini e Verdi

A Semiramide de Rossini, estreada em Veneza em 1823, marca o final da carreira italiana deste compositor mas também o de uma época. Fixando-se em Paris, Rossini não só partiu em busca de novos modelos estéticos e ritmos de produção como deixou espaço para a afirmação de uma geração de compositores mais jovens. Com eles, o gosto romântico afirmar-se-ia definitivamente nos palcos italianos. Os temas da Antiguidade, que haviam sido a base de toda a libretística do séc. XVIII e ainda continuavam a interessar os espectadores do primeiro terço de oitocentos, começam a ser cada vez menos frequentes face à moda dos ambientes medievais.

Embora a escrita operática dos compositores românticos italianos fosse muito condicionada pelos cantores e se baseasse num conjunto de modelos que não variavam significativamente consoante a temática de casa ópera, não deixa de ser interessante tentar perceber quais as opções tomadas por Vincenzo Bellini, Giovanni Pacini ou Giuseppe Verdi, nas suas óperas ambientadas na Antiguidade: Norma (1831), Saffo (1840) e Nabucco (1842). Esta comunicação pretende discutir problemas músico-dramatúrgicos destas três óperas nas suas relações com as respectivas temáticas.

Palavras-Chave: Antiguidade, ópera italiana, Romantismo, Bellini, Pacini, Verdi.

LUÍSA CYMBRON é professora associada do departamento da FCSH/NOVA. É investigadora integrada do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM). Tem um doutoramento em Ciências Musicais, especialidade em Ciências Musicais Históricas, pela FCSH/NOVA. Tem como áreas de especialização a História da Música Portuguesa (século XIX), a Ópera Italiana do século XIX e as Relações Musicais Portugal/Brasil.